A PRESENÇA DA MULHER, A EDUCAÇÃO DA MULHER (*)

ZÉLIA SÁ V. CAMURÇA
(da Universidade Federal do Ceará)

Sr. Presidente Dr. Carlos Studart Filho
Sr. Vice-Presidente Dr. Renato Braga
Autoridades presentes e representadas,
Ilustres Membros do Instituto do Ceará
Senhoras e Senhores:

Mestre amigo, Dr. Florival Seraine, o meu comovido agradecimento pela cádiva de vossa complacente bondade e eloqüente sabedoria contidas em vossa saudação.

Sabeis, Mestre, que se do meu procedimento científico-profissional e no campo interdisciplinar da Antropologia e Educação advier alguma virtude, o meu sucesso, é, em parte, vossa a vitória.

Na motivação do nosso trabalho de hoje e já na consecução dos nossos objetivos de amanhã, nos endividamos com um número sem par de devotados: amigos, parentes, colegas. Desnecessário o citar. Basta-nos dizer, a êles dedicamos êste momento:

Á família, aos amigos, aos Mestres, aos colegas professores, aos alunos, aos Consócios — àqueles, enfim, que nos ajudam na senda do colher e do semear.

1.00

Audiência:

Não volveis os olhos para êstes ilustrados senhores que ora ocupam posição de relêvo com assento em Cadeiras célebres. Esqueçais os que aqui se encontram e deixai vagar o pensamento e o olhar para antecessores seus de quatro décadas atrás. Imaginai uma sessão análoga e acompanhai o desenrolar de uma cena.

Ergueu-se um dêstes ocupantes de renome. Pesai bem aquela figura altaneira do homem que se alevanta em seguida ao discurso de posse da primeira mulher a transpor os umbrais dêste templo de cultura e saber. A mulher pioneira, quereis conhecê-la? — Júlia de Vasconcelos, que substitui a seu recém-falecido pai, um dos Fundadores. O homem? — Antônio Theodorico da Costa. Eis que êle avança, pede a palavra e "lendo uma brilhante peça oratória"..., "reafirma o seu modo de pensar contrário à coparticipação do elemento feminino em certames científicos". Desta matéria já se ocupara em sessões anteriores. Na assembléia de eleição "justificara o seu

(*) Discurso de posse, como sócio efetivo do "Instituto do Ceará" e pronunciado em sessão solene de 9 de abril de 1968.

ponto de vista contrário à coparticipação da mulher nos centros de cultura litero-científicos". E agora, ao terminar, assim diz: — Senhora, neste exato momento de vossa posse, "... (lembrai) sempre que um membro daquela assembléia se opusera ao vosso ingresso no seio do Instituto" do Ceará. (R.I.C., 1931: 259-264).

1.01

Júlia de Vasconcelos sofre no heroismo do silêncio e na elegância de maneiras a suprema afronta aos seus grandes dotes intelectuais, a suprema ignomínia à sua excelsa feminilidade. Mulher inteligente e culta, para quem o Português, o Francês, o Inglês, o Alemão, a História, a Geografia e a Literatura lhes são familiares desde aos 14 anos; profunda na sua especialidade e dona de um estilo formoso, mas, senhora de casa ilustre — esclarecida por nascimento e por méritos mercê de uma educação esmerada — revida. Revida, porém, com os seus labores científicos, os magisteriais, e com os seus pensamentos, atos e palavras a serviço da educação. Não retorna ao Instituto. (R.I.C., 1930-1950). A dor dêste momento, já de si doloroso pelo luto que a envolve, o amor-próprio, ferido na profundeza de sua alma grandiosa, circunstâncias outras, não sabemos o por que.

Sua presença passa então a ser notada através de trabalhos publicados na **Revista do Instituto** e de correspondência enviada à Secretaria e aos membros em particular. O discurso de posse versa sôbre a posição da Geografia no contexto das Ciências Sociais e a importância e necessidade de uma carta geográfica nacional. (J. Vasconcelos, 1931: 185-193). "O Território do Chaco" (J. Vasconcelos, 1933: 133-142) e "Uma Lacuna Geográfica" (J. Vasconcelos, 1940: 81-89) são títulos de estudos seus que aparecem a seguir, sem dizer de sua colaboração efetiva na Imprensa em geral. Sem falar de sua "Memória Histórica" (J. Vasconcelos, 1920), peça de alto teor educacional. Sem esquecer os seus "Oceano e seu Papel na Harmonia do Globo. América Meridional (parte física) — Esfera Celeste e Coordenadas" (J. Vasconcelos, 1920); "Uma Valiosa Unidade Brasileira" (J. Vasconcelos, 1922); "A Ilha Sylt e os Insulares" (J. Vasconcelos, 1925), todos trabalhos de caráter científico e anteriores ao seu ingresso no Instituto do Ceará.

Quando razões de família a transferem para o sul do país, comunica aos seus pares e recebe, em troca da sua qualidade de sócia efetiva, o título de sócia honorária. (Sousa, 1937: 211-213).

Não se afasta da luta. Nem se entrega à inatividade da aposentadoria quando esta lhe alcança, e muito menos à paralização do pensamento criador quando a falta de locomoção a obriga a abandonar uma seqüência de trinta anos de exercício do magistério. Estuda e trabalha com a mente sã. Conforme **Abner de Vasconcelos,**

"confecciona então um mapa original da Geografia Nacional, contendo ao mesmo tempo, à margem, os conhecimentos históricos, políticos, científicos e literários". E já com o trabalho concluido, inédito porém até hoje, vem a falecer em 1950. (A. Vasconcelos, 1968: 2; 1955: 213).

Viva está, porém, na mente e no trabalho daquelas muitas alunas suas que elevam bem alto o seu exemplo. Porventura podemos nós precisar quando e onde cessa a influência do professor? Mas palavras de **Henry Adams**, "um professor afeta a eternidade". (Russell, 1963: 405). E Júlia de Vasconcelos, através de suas disciplinas — não sòmente através da Cadeira que aqui ocupa — atinge à imortalidade. Atinge à imortalidade porque soube ser paciente no seu dever diário. Porque soube despertar espíritos adormecidos. Apressar o indolente, encorajar o ansioso e acalmar o instável.

Júlia soube comunicar a sua própria alegria de aprender, e compartilhar, com as normalistas, os melhores tesouros de sua mente. Com sabedoria soube acender muitas luzes que nos anos futuros refletem, iluminam e a animam. Esta é a sua recompensa. Êste o seu prêmio — a imortalidade.

1.92

É, entretanto, a sua sucessora que, assumindo atitude diferente e sentindo-se igualmente ferida pela discriminação então, na época, imposta à mulher, incarna a figura de uma das mais festejadas feministas do Brasil e diz, alto e longe, a presença da mulher no Instituto do Ceará. Alba e Valdez é o seu nome de guerra. Artista da gramática e do estilo, exímia no manejar a língua pátria, profunda conhecedora dos mais recônditos vicejos da língua portuguêsa, expressa a sua arte em páginas de serviço às letras e à mulher.

Algures, expõe o fato:

> "Vivi... (qual) obreiro humilde que era. Louvei a idéia que alimenta e purifica. A obra que salva. Associei-me, por meio do pensamento escripto, a tudo que denotava cunho de utilidade e interêsse collectivo dentro da órbita em que me agitava." (Valdez, 22.5.1930:1)

Não sòmente o fato ela expõe mas entrega a sua vida como penhor:

> "Nasci e criei-me nesta terra. A minha existência se há passado no convívio dos livros e nas agruras do magistério. Professora primária no entrar da adolescencia, comtudo a minha actuação no ensino público e particular ultrapassou o limite que

me estava traçado. Espairou-se além. Jamais encarei distâncias e obstáculos para levar uma restea de luz aos que tateavam na escuridão. Fui um espírito ávido de perfeição. Sedento de glórias e grandezas para a minha raça." (Valdez, 22-5-1930:1).

Segundo o depoimento de **Andrade Furtado,**

"Tinha (Alba Valdez) respeito invacilável às convicções que abraçava e jamais omitia solidariedade a iniciativas louváveis e generosas. (Assim)..., em cruzada patriótica e tenaz contra o analfabetismo, nas pugnas pela liberdade, nas batalhas em defesa dos princípios cristãos, foi a inesquecível combatente da causa da verdade, no domínio da Arte, perfeita encarnação de fidelidade e de amor ao dever." (Furtado, 1968: 240)

Pois Alba Valdez instala e preside a Liga Feminista Cearense, nas suas próprias palavras, "a primeira agremiação feminina, de fins culturais, que o meio possuiu" (Valdez, 1937:429). Outrossim, faz parte, como figura destacada, de associações culturais tais como Centro Literário, Boêmia Literária, Iracema Literária. (Barreira, 1962:183).

Publica dois livros intitulados **Em Sonho... Fantasias** (Valdez, 1901) e **Dias de Luz** (Valdez, 1907). O primeiro são contos, ou "fragmentos de imaginação", e, na sua própria definição, "Contextura de concepções líricas em que há evocações de tardes que são manhãs e sombras que são claridades" .... ou, no dizer de **Rodrigues de Carvalho,** citado por **Dolor Barreira,** "... são páginas de enlevos, ternas; ... fantasias e endeixas de uma alma artisticamente sonhadora..." (Carvalho, 1902: 183; Barreira, 1951: 57-59) **Dias de Luz** são "recordações da adolescência": uma narrativa em que nem tudo é ficção, em que Alba Valdez tenta memorar fatos típicos, cenas pitorescas, lembranças encantadoras e, por vêzes, evocar figuras de seu convívio (Valdez, 1907: 6; Barreira, 1951: 221). Alba Valdez pretende então escrever um terceiro livro sob o título **Alguns Registros de Minha Vida.** Não o publica, porém. (Barreira, 1948: 217; 1962: 177 - 184).

Estreiando na Imprensa em 1895 (Amora, 1954: 228), projetando-se na década seguinte, é a partir de 1901 que se firma no panorama literário, segundo assertiva de **Dolor Barreira** (Barreira, 1962: 180). Escreve, afora os livros, um mínimo de quarenta trabalhos (Valdez, Bibliografia) que são reproduzidos em periódicos de projeção local, nacional e além-mar. São, enfeixando-os, críticas literárias, autores e obras dissecados, comentários à margem de conceitos, análise de personalidades ilustres no mundo das idéias e da educação. Alguns versam sôbre a questão do ensino ou do analfabetismo, outros sôbre os direitos da mulher. Outros mais sôbre patriotismo,

caráter nacional, espírito, vida, **mores** e **folksways**, fatos e cenas de rua do cearense. Ecletismo de temas, em resumo.

É, a partir de então, objeto, ela própria, da crítica literária tecida pelos mais renomeados escritores cearenses. Dela se ocupam **Rodrigues de Carvalho, Dolor Barreira** — sem dúvida, o bibliógrafo de Valdez — e **Andrade Furtado**, já citados, e mais **Guilherme Studart, Eusébio de Sousa, Mário Linhares, Guiomar Torressão, Pedro Queiroz, Cruz Filho, Valdevino de Carvalho, Carlyle Martins, Jairo Mota, Carlos Pontes, Eduardo Campos, Raimundo Girão, Luís de Barros, Soriano Aderaldo, Albano Amora**, sucessivamente.

Torna-se, enfim, a imortal da Academia Cearense de Letras. Eis a mulher — no Palácio do Govêrno ou no Palacete Club Iracema, em pé, porte heráldico, elegantemente trajada nos moldes da alta costura francêsa, colar de pérolas imenso e chapéu de abas largas estilo Greta Garbo —, eis a mulher participante, então única entre os consócios, das lides acadêmicas. (Amora, 1954: 184a). Sôbre a sua presença, **Raimundo Girão** confirma ser "a primeira mulher a conquistar o galardão acadêmico em nossa ... sociedade". E explica:

> Recebeu-o pelo alto mérito de sua formação literária e consagrou-se... pelos gestos francos, descobertos, altivos, rasgando sem temor o lençol das condenações misoneistas e das prevenções santarronas contra as marchas do feminismo que já se desenhava".
>
> Católica, não fazia das suas convicções uma galé para as idéias que expendia ... nas suas palavras sedutoras... A sua pessoa varonil, ... alçou-a aos píncaros da nossa cultura mental ... como componente... (da) Academia". (Girão, 1962: 11).

E **Eduardo Campos**, ao ocupar a cadeira vaga quando da morte da ilustre acadêmica, diz:

> "... descubro-me respeitoso ao talento de Alba Valdez"... Detentora de estilo sóbrio, objetiva em sua maneira de criar conceitos, Alba Valdez concebeu um mundo de ternura em admiráveis contos..."

E acrescenta:

> "Tão distinta pena Alba Valdez nem sempre a manejou com a ternura das rosas. Teve-a, às vêzes, como esgrima a impor idéias contra os que teimavam desconhecer os direitos humanos." (Campos, 1962:10).

Um passo, dois passos à frente, e ei-la, Alba Valdez, a nova e segunda mulher no Instituto do Ceará. É membro assíduo, é traba-

lhadora pontual, é dedicada comissionária, é ativa participante na Diretoria, e aqui se impõe com a mesma franqueza límpida dos seus olhos azuis, bem azuis. Eclética nos seus escritos, mas sempre pura no seu estilo lingüístico, aqui produz mais e mais e batalha com maior e maior denodo. (R.I.C., 1936-1962).

Vibrante nas suas aspirações, abrangendo idéias intangíveis e comportamentos audazes, é uma demolidora notável de preconceitos e de rotinas retrógradas, é uma participante dinâmica — tal como naquelas campanhas políticas a agitarem os meios partidários cearenses. (R.A.C.L., 1962:154). Eis como, ela mesma, reune as duas idéias pelas quais pugna e descreve a luta que a si própria se impõe como artesã e como política:

> "Oh! a via-crucis! O ar desfeito. Os trovões! Os raios! A agua a jorrar, dando-me pancadas na cabeça. A lama a crescer, ameaçando tragar-me. Lama nojenta! Lama pútrida!
>
> Eu chorava abraçada à minha mãe, que rezava.
>
> A penna agarrava-se-me nos dedos inteiriçados. Não caiu. Não cairá. Morrerá commigo a fiel companheira. Força invencível a do amor." (Valdez, 22-5-1930:1)

Numa analogia ao sugestivo título dêste seu trabalho d'onde buscámos a citação, o propagado e conhecido libelo "De Pé", afirmamos: "De Pé" Alba Valdez se mantém. Nem a morte nos trigais da luta a ceifou. Pois "De Pé", os resultados de todos os movimentos feministas da década dos trinta, maximé. "De Pé", o novel estatuto da UNESCO a serviço da mulher. "De Pé", eu, nós, vós homens de saber e cultura para elevar a mulher à dignidade de ser humano responsável pela harmonia na orquestração universal.

2.00

Senhores,

Restringimo-nos a só buscar no passado as lições evidentes que nascem de um destino coletivo e mais ou menos institucionalizado, visando a um esfôrço de generalização.

No entanto, acúmulos de fatos são despojados de significância se o conhecimento coligido não fôr devidamente utilizado. À luz do conhecimento de categorias relevantes, podemos examinar acertos e desacertos, e, com maior exatidão diante das probabilidades de compreensão na nossa capacidade especulativa, antecipar os desenvolvimentos e direções do futuro.

De início, pois, duas ordens de problemas e objetivos se nos norteiam: primeiro, o avaliar, com fundamentação nos arquivos da associação cultural e científica denominada "Instituto do Ceará", a

posição que êle vem adotando ao longo de sua história com relação à presença da mulher. Aqui indagamos a presença oculta da mulher: o trabalho da mulher como funcionária, ou o seu desempenho como bibliotecária; como visitante ocasional; como amiga; como missivista; como participante de reuniões. E mais, como autora de trabalhos publicados na **Revista do Instituto do Ceará**; como sócia honorária; como sócia benemérita; como sócia correspondente; como sócia efetiva. Levando em consideração o fato de que a mulher como sócio efetivo, membro eleito em caráter perpétuo e irrenunciável, pelo Instituto, é o ápice dessa pirâmide, damos ênfase às personalidades e trabalhos das duas únicas mulheres — exceção feita à recipiendária de hoje — as quais, ao longo dos oitenta anos de vida da associação lograram alcançar assento às Cadeiras, ou, mais precisamente, à Cadeira número seis. Em seguida, analisamos o comportamento institucional neste particular e de que maneira, ou até que ponto, fatos acumulados — atas de sessões, discursos de posse, estatutos, correspondência variada, entrevistas, enfim, fontes primárias e secundárias —, refletem e podem ser interpretados como representativos dos valôres da nossa sociedade elitista intelectual, ou seja, da **intelligentsia,** com relação à mulher também participante de associações culturais e científicas, também parte da **intelligentsia** brasileira, como expoente de uma fôrça intelectual que é a própria consciência da nação.

Assim, embora o nosso tema se fundamente no passado e abrace o presente, tem a sua objetivação numa "futuridade" — tal como concebida por **Thomas Woody.** (Woody, 1955:38). Baseia-se no pretérito buscando os comportamentos e valôres da cultura adotados pela sociedade com relação à mulher; no presente, no que concerne aos seus deveres e privilégios; e no futuro, com vistas à preparação intelectual da mulher às funções de liderança. No passado, buscando discriminação ou apoio entre os primeiros membros do Instituto; no presente, propondo a estimar o trabalho feminino, se evidente ou não, se ponderável ou não, em benefício da associação; e no futuro, na maneira como os membros serão solicitados a agir em função da sua liderança intelectual responsável pelo progresso social.

Mas por que sugerir, exclusivamente, um trabalho sôbre a Presença da Mulher no Instituto do Ceará? De início, desconhecemos qualquer levantamento feito nêsse sentido, quer pelo Instituto, quer por estudiosos estranhos à associação. Segundo, porque através dos ditos contrastes dos sexos esperamos poder atingir a correlações — positivas ou negativas — de possível alcance no que tange às atitudes de um grupo da **intelligentsia** brasileira destinado ao serviço da ciência, do bem-estar comum e do progresso social. Finalmente, porque o problema dos valôres, complexo que seja, é, por isso mesmo, estimulante quando tratado à luz dos esquemas antropológicos, e tal como explicitado em recente trabalho de **Florival Seraine.** (Seraine,

1963). A análise científica dos valôres, valôres, segundo **Seraine,** como "as instâncias últimas na orientação apreciativa das pautas de conduta culturais" (Seraine, 1963:40) — esquema de valôres, valôres tradicionais **versus** valôres emergentes, orientação de valôres, **ethos,** transvaliação de valôres, comunidade de valôres, julgamentos de valor — hão sido objeto de nossa mais profunda meditação, maximé quando consideramos a educação como orientação de valôres, por conseqüência uma ciência social normativa, e o Instituto do Ceará uma associação baseada numa estrutura de poder ou autoridade de tipo predominante normativo.

2.01

Num país de documentação histórica escassa, como sóe ser o Brasil, é fascinante notar que uma associação devotada à ciência e igualmente ao levantamento do patrimônio cultural e científico do Estado já tenha, na busca dêsses objetivos, conseguido acumular um tal acervo de dados, dados êstes que, fariscados com inteligência, se constituem fonte de deleite. São documentos que contêm maná intelectual capaz de estimulação das energias adormecidas de algum historiador não revelado ainda, ou mesmo, de nutrir aquêles que, dedicando-se embora às Ciências Sociais, não tenham, na História, a sua área de concentração. Nêsses documentos, perspectivas especiais se destacam, feições novas se delineiam, pontos de vista específicos surgem e merecem ser perlustrados para se sujeitarem à análise, interpretação e avaliação.

2.02

Talvez, na busca da verdade e dos fatos, devêssemos nos por de sobreaviso diante dos ciosos guardiões vigilantes do Instituto, ou, com maior cuidado, nos resguardar do desagrado daquele que, em sendo o seu Presidente e Secretário-Geral Perpétuo, **primus interpares,** é a sua mais lídima expressão, é o seu grande corifeu, e a quem se deve a sua renovação.

Sabemos, porém, e os documentos aí estão para atestar, que Carlos Studart Filho, na sua grande e fervorosa luta pela verdade das idéias e dos fatos, sem discriminações e preconceitos, não sòmente assina a proposta para sócio efetivo a favor de Júlia de Vasconcelos (R.I.C., 1931: 256), como também propõe Alba Valdez para se tornar membro do Instituto (R.I.C., 1937:485), e as "Atas" confirmam ser numa sessão por êle presidida que uma proposta é apresentada e aceita para estudo a favor desta que vos dirige a palavra. Esta que aqui se encontra e hoje se empossa, recebe, então, surprêsa, a sua indicação, partida do selo do Instituto e mediante proposta oficial de três dos seus mais ilustres membros. A proposta é defendida pelo

Secretário-Geral Perpétuo, apoiada pelo Vice-Presidente, aceita pela Diretoria. Recebe parecer favorável do relator Josa Magalhães e demais componentes da douta comissão (I.C., 1967) e, pela primeira vez na história do Instituto do Ceará em se tratando do ingresso de uma mulher, é aprovada pelo **consensus** dos votantes graças à magnitude de uma liderança tangível.

Fatos dêsse jaez nos dão coragem de avançar e, de pronto, exclamar com **Emily Bronté**:

> Ó mortal!
> A fábula da vida é narrada bem depressa,
> Mas basta uma vida — para não se morrer
> jamais.
>
> (Bronté, 1944:55)

Um parêntesis:

Para gáudio nosso, quiçá, mas nem por isso fato menos lamentável, a ciência ainda não descobriu meios éticos de lavrar em documentos as hesitações e ocorrências dos bastidores, pois, em verdade, o estudo de tais ocorrências e dúvidas não deixa de se constituir ferramenta de trabalho do antropólogo na análise do "espírito subjetivo" da cultura, ou das sub-culturas.

Mas também cremos que, como nós, vós, membros do Instituto do Ceará, pensais e sentis com **Licínio Cardoso** que

> "... a História não deve ser fabricante de elogios ou depósito... de críticas póstumas. A história deve explicar: decompor o passado com a experiência do presente, animado o espírito pela crença do futuro e... (saber que a História) elogia quando explica".
>
> (Cardoso, 1933:191)

2.03

Não deve constituir nosso propósito o mero estudo de problemas encaixados dentro de uma moldura de referência comum que qualquer pessoa mais ou menos inteligente possa executar. Tratando-se dêste Sodalício, os problemas são um estudo de Comunidade. Por conseqüência, num estudo de comunidade, um problema não é qualquer coisa a qual se aplique uma teoria, senão deveras, um fato, uma realidade da própria teoria da cultura de comunidade. Uma teoria do comportamento humano deve ter, pois, como um foco central, as situações problemáticas para as quais os seres humanos orientam o seu comportamento. Comunidade não é um caso de fácil apreensão, mas sim "um conjunto complicado, e às vêzes misterioso, de relações entre pessoas, grupos e instituições". (Nelson, Ramsey e Verner, 1960: vi, 2).

O Instituto do Ceará, entendido como comunidade, ou seja, como "menos lugar e mais idéias e valôres" — na conceituação de comunidade por **Ruben Reina** (Reina, 1962) — é um tipo de estrutura social, pois valôres, num determinado sentido, valôres representam uma parte integral da estrutura. Assim entendido, importa saber como áreas e pessoas tidas como fôrças eternas, modelam o comportamento da comunidade". (Nelson, Ramsey e Verner, 1960: 3,17).

É uma superestrutura construida sôbre as relações e sentimentos dos indivíduos e não pode ser previsível mediante o conhecimento dêles, ùnicamente. Como acentua **Florival Seraine**, "realizadas ou em potencial, as formas da conduta humana em sociedade pertencem ao mundo da "existência" cultural, aí brotam e se revelam peculiarmente..." (Seraine, 1963:38). Isso, entretanto, não significa que os indivíduos, seja em têrmos de número ou de característica, não influenciem fortemente o comportamento comunitário como tal.

Daí "o conhecimento das principais orientações de valor cultural (ser) essencial para o entendimento de situações sociais e personalidades individuais". (Kluckhohn e Murray, 1965:467). Compreende-se então porque o sucesso ou o fracasso do campo das relações humanas depende do sucesso ou fracasso do critério normativo que dá forma e significado, tanto quanto função e propósito a cada elemento de um todo maior (Brameld, 1965 A:137).

E assim temos a comunidade aqui definida como a estruturação de elementos e dimensões socioculturais, para resolver problemas que devem ser ou podem ser resolvidos dentro do âmbito local.

Partimos da premissa de que as relações humanas são previsíveis. Por outro lado, a emergência de padrões informais implicitamente compreendidos e chamados relações grupais é uma forma de comportamento predizível. E mais, a predictabilidade dessas relações depende do fato de que os indivíduos geralmente selecionam seus papéis dentro de uma estreita faixa de padrões expectáveis de comportamento. (Nelson, Ramsey e Verner, 1960:13-14).

A resultante do grupo não é uma simples adição de duas ou mais personalidades: será um nôvo produto. Não são sòmente personalidades que se combinam para produzir interdependência mas também valôres, papéis, instituições e o mais. Uma rêde de interações, influenciando umas às outras a ponto de a comunidade ser considerada uma "galaxia", ou uma teia bem tecida de padrões comportamentais, a dinamizarem os propósitos imediatos e os objetivos últimos.

2.04

Quais direções, no que concerne à vitalidade da associação, possam ser sugeridas como indicativas do comportamento futuro da

associação em análise, se constituem as nossas críticas e sugestões conclusivas, dentro do que **E. Nagel** denominou de "estimativa ou caracterização de julgamentos de valor". (Brameld, 1965:289).

De início e teòricamente nos fundamentamos em conceitos tais como o da "Pequena e Grande Tradição", de **Robert Redfield**, o Instituto aqui considerado como uma parte daquela "grande tradição" dos poucos homens de pensamento a mobilizar e liderar a "pequena tradição" da grande e pouco reflexiva maioria dos vulgares; o Instituto como parte daquela "grande tradição" cultivada nas Universidades ou nos templos de saber, mas pouco submetida a escrutínio. A "grande tradição" não deixa de ser interdependente da "pequena" porquanto uma é dimensão da outra e ambas se combinam num **gestalt** cujo todo é maior do que a soma das partes; ambas se combinam numa "civilização-conteudo" de pensamento e expressa em símbolos e ação. (Redfield, 1960: 40-59). Ambas, holísticamente compreendidas, são partes indispensáveis e mùtuamente operosas, ambas de validez equivalente no esfôrço para a busca e compreensão da verdade. Numa palavra, um estudo de liderança institucional dentro do esquema antropológico redfieldiano, de estrutura social interna de classes e de genealogia social. Para uma maior interdependência e reciprocidade operosas — uma "mutualidade" (Lynd, 1958:156) — caberia, talvez, ao Instituto, se abrir, se expor, se "exibir" até, num maior esfôrço de audácia e para uma melhor compreensão da verdade cultural.

A conceituação de "rotina oficializada", conceito êste elaborado por **Ward Goodenough** (Goodenough, 1963: 92-95), nos leva a acreditar que, nesta agremiação, as reduzidas alterações institucionais são resultantes da eficácia de rotinas pré-estabelecidas ao longo dos anos. A rotina pré-estabelecida, equacionando tantos diferentes problemas, e ao mesmo tempo, provendo vantagens e expectativas seguras, representa um equilíbrio delicado da distribuição ordenada de direitos, privilégios e deveres entre categorias bem definidas de pessoas, o que permite uma relativa imutabilidade de interação.

O conceito de "demora organizacional", imaginado por **William Evan** (Evan. 1966: 51-53), em decorrência de uma maior elaboração da hipótese da "demora cultural" de **Ogburn** (Ogburn, 1961: 88-92), ou ainda, subentendido no conceito de "deficiência das relações entre a técnica e a ética", "entre a ordem moral e a ordem técnica" exposto por **Redfield** (Redfield, 1962: 73-74), é aplicável a esta associação. Leva-nos a acreditar que os membros do Instituto são susceptíveis de se adaptarem à demora organizacional — tanto a técnica como a administrativa —; de desenvolverem uma orientação conformista e fleumática para com o seu trabalho, orientação essa que pode ser tanto ritualista como escapatória, ou de refúgio. Basta-nos pensar que a apatia, como modo de adaptação à demora organizacional, é, provàvelmente, muito mais nociva aos objetos do

Instituto do que mesmo uma conduta rebelde ou injustificada. Quase que nos arriscamos a afirmar que, ao Instituto, a apatia e um apego à rotina causam, provàvelmente, maior desgaste do que a revolta, rebeliões ou desafios à autoridade. Assim, a apatia, como fator psicológico da "demora organizacional", é mais prejudicial do que a belicosidade.

Englobados tais conceitos acima citados no de "antropoterapia" de **Theodore Brameld,** ou seja, "a teoria e a prática dos papéis descritivos e prescritivos do homem" (Brameld, 1965: 291), cabe-nos afirmar que na determinação dos papéis prescritivos se sugira um maior envolvimento total do ser, um maior comprometimento de cada membro para com o Instituto, um maior descobrimento mútuo, uma maior transcendência de amor comunal do indivíduo, uma empatia, em função da sua auto-realização e identidade social.

2.05

A integridade institucional é o princípio pelo qual nos devemos conduzir — não sòmente em teoria, mas em prática — para levar avante a "estratégia da cultura" e a obra de engenharia humana do Instituto do Ceará a projetar o seu papel formativo e programático.

É nossa responsabilidade, como membros desta associação de mentes e participantes de uma comunidade acadêmica, contribuir rigorosa e conscienciosamente para a revitalização de uma livre troca de idéias. Por estranho que pareça — pois que numa Universidade e numa sociedade de estudiosos existe muito de pressão visando à conformidade e rotina acadêmicas — a Universidade e uma associação científica são os mais apropriados ambientes para a germinação de idéias, para a criação de um nôvo contexto de idéias, o que sòmente ocorre com a comunicação, com o entendimento. Condição prima é uma atitude de fé ilimitada na capacidade do ser humano, sem restrições no tocante à liberdade acadêmica. Daí resulta confiança na promessa e no poder da mente criadora. A busca e a emergência de talentos só assim encontrarão meios de expressão e de fortalecimento.

Como bem disse **Reuther,**

> "Os problemas do amanhã não podem ser solucionados com as ferramentas de trabalho de ontem... (pois) não podemos resolvê-los senão com a busca de novas idéias, novos conceitos e abordagens novas..."
>
> (Reuther, 1964:65)

2.06

Buscamos o entendimento. Tentamos de pronto ùnicamente alcançar as razões sem justificar os costumes porque, e na palavra de Hegel, "compreender o que é ... é razão" (Hegel, 1958:6). Não intencionamos resolver os problemas de uma associação e muito menos a questão da mulher. Tentar, sim, discutir alguns dos dilemas culturais relacionados sobretudo com o acesso à educação e ao saber sem, entretanto, nos preocupar com os aspectos legais do processo educacional mesmo porque **Leges sine moribus vanae.** Não pretendemos enunciar teorias ou dispor mandamentos: de nada valem as leis sem os costumes e os valôres que se lhes norteiam. Curvar o assunto, teimar as circunstâncias, trazer elucidações, pautar prováveis alternativas e apontar sugerências de possível aplicação se constituem nossos objetivos face aos variantes e intervenientes culturais, discontinuidades e acréscimos culturais.

Concordamos, no entanto, com **Reuther** que "... muito amiude buscamos acôrdo, quando o primeiro passo deveria ser o entendimento. A compreensão é o alicerce sôbre o qual a harmonia deve ser supremamente erigida". (Reuther, 1964:64).

Da harmonia dos seres e das idéias, queremos dizer. Qual uma sinfonia orquestrada de seres humanos absorvidos com diferentes instrumentos, tocando não necessàriamente as mesmas notas musicais, conseguem uma unidade na diversidade. Uma harmonia possível e de alcance palpável porque, e segundo a mesma fonte, "como membros de uma sociedade livre compartilhamos, todos nós, um núcleo comum de valôres e acreditamos comunalmente no valor e dignidade de cada ser humano" (Reuther, 1964:66), homem ou mulher, indistintamente, acrescentamos nós.

3.00

E vós, senhores, como interpretais a Presença da Mulher?

— Até hoje, pelo menos, um dos fatos mais reais do universo e da sociedade humana há sido a existência de dois sexos. E essa diferenciação biológica, ou seja, a distinção entre homem e mulher, tem acarretado também importantes diferenciações sociais. Em nenhuma sociedade maneiras idênticas de pensar e agir, atividades idênticas, aspirações e objetivos idênticos, normas idênticas têm sido observados para ambos os sexos, muito embora as necessidades básicas sejam as mesmas e treinamento e educação sejam processos culturais universais — desde que a própria realidade da educação é o ser humano.

Poder-se-ia mesmo citar, com um pouco de exagêro, a existência de duas culturas diferenciadas, ou, mais precisamente, dizer que cada sociedade tem três culturas: uma masculina, uma feminina e uma compartilhada pelos dois sexos. De qualquer modo, o fato bio-

lógico da diferenciação sexual, tam como êle até hoje existe — Quantas previsões para o futuro! — traz conseqüências sociais multiformes, algumas das quais pretendemos explorar.

3.01

E o que é a mulher?

— "Um coração educado", alguém já teria dito.

Um coração educado agradece o dom da vida e o milagre da oferenda do amor. Aprende a dar pedindo em troca o nada. É bondoso mesmo quando a bondade não é retribuida. É humilde ante a sabedoria dos mais letrados. Oferece estímulo porque já sentiu o desapontamento do fracasso. Aplaude porque isso lhe traz à mente o frêmito do sucesso. Perdoa porque sabe o que significa pedir perdão. É tolerante porque vê a falta dos outros como um reflexo das suas próprias. Divide-se com o solitário porque já tem sentido o desgôsto profundo da própria solidão. É grato pelas bençãos do que veio em troca de sonhos irrealizados. Vê o anseio por afeição palpitante debaixo da timidez, o amor que o silêncio esconde... Dá ajuda silenciosa quando outros tecem promessas vãs. É corajoso, porém nunca temerário; cauteloso, porém nunca covarde. Desconhece o medo porque sabe o poder da fé. Procura a paz e a encontra dentro de si mesmo. E sendo um coração sensível, é o coração da mulher.

E, complementando essa imagem da mulher, **Washington Irving** diz que "Há em cada verdadeiro coração de mulher um lampejo de inspiração celestial que repousa inativo na luz imensa da prosperidade, mas que esbraseia, ilumina, rutila e resplandesce na hora sombria da adversidade." (Nus, 1964: 168, Ed. Hor., spr. 1964, n. 3).

Haverá, nos dias de hoje, razões para tamanhas delicadezas de imagens, sofisticação de sentimentos e cristalização de idéias quando o mundo se entonteia sem mais saber sequer se existe a mulher?

— Mas existe a mulher?

É **Simone Beauvois** quem, pessimisticamente, faz tal indagação e daí parte para todo um estudo do sexo como fôrça organizatória e tôda uma análise freudiana, existencialista e deprimente da mulher... Para ela, é degradante ser mulher, ser o "segundo sexo", ou "o outro". Ser sempre o outro, nunca "o um", e sempre condenada a uma eterna "alteridade". Ser a escrava, a vassala, "o receptáculo", a conquistada. (Beauvois, 1962).

É **Evelyne Sullerot** quem provoca a discussão de um futuro assexuado, lançando vistas aos fenômenos biológicos como determinantes de uma reviravolta profunda dos papéis e estereótipos da mulher; lançando vistas às imprevisíveis possibilidades que se abrem

à "mulher do futuro" nos planos biológico, psicológico e sociológico. (Sullerot, 1967).

É **Christianne Rochefort** quem hoje escreve o domínio restrito da sexualidade feminina e é julgada, não pela sua obra, mas pela sua conduta. (Sullerot, 1967: 208).

É **Margaret Mead** quem procura simplificar as diferenças dos sexos atribuindo-os não a fatôres biológicos mas às influências culturais. A cultura e a noção de uma natureza humana infinitamente plástica exprimem e explicam os diferentes pensamentos e ações do homem e da mulher. O tema se inclui, assim, dentro dos estudos de Personalidade e Cultura. (Mead, 1950).

Mas é **Mirra Komarovsky** quem lembra a inexpressiva participação da mulher nas grandes inovações culturais da humanidade e aponta, não o ambiente físico ou cultural, mas o pessoal e íntimo como o originário daquelas raizes da motivação que determinam, na mulher, a sua auto-imagem e o nível de inspiração a projetar-se, e, pela sociedade, ser reativada. (Bierstedt e outros, 1964: 159-160).

O tema é vasto. Vasto e palpitante. De **Platão** a **Aristóteles,** de **São Paulo** a **São Jerônimo,** de **Erasmo a Luís Vives** e **Stuart Mill,** de **Saint-Simon** a **Fenélon,** de **Dante** a **Nietzsche,** de **Stanley Hall** a **Thomas Woody** e dêste a **Saul Sack, Ginzberg, Riesman, Erikson, Bernard, Rossi, Peterson** e de outros da atual geração norte-americana estudiosa do assunto, — pensadores e cientistas se preocupam com a mulher, apresentam estudos e opiniões os mais controvertidos. O tema é infindável e estimulante.

3.02

Tem-se comentado, sobejamente, a ausência da mulher às lides acadêmicas e a não coparticipação da mulher nas atividades científicas e culturais, maximé no Brasil.

Por fôrça dos próprios universais da cultura, a divisão do trabalho é feita por critérios de idade e de sexo e de religião.

Determinantes históricos e socioculturais advieram na formação do Brasil-Colônia como entrave ao desenvolvimento intelectual da mulher e a um livre intercâmbio de idéias, sem as fronteiras do preconceito social e das diferenciações biológicas.

Tradição milenar consagrada pelo uso universal, preconceito medieval aceito pela mentalidade feudal, era nula ou restrita a participação da mulher na vida espontânea das idéias, no Brasil Heróico.

Na cultura brasileira — amálgama da indígena, da portuguêsa e da africana — a fôrça do conquistador prevaleceu desde os primórdios. O desejo do nativo foi sucumbido pela vaidade do implanta-

dor europeu. Basta-nos relembrar a luta do Reverendo Nóbrega cujos planos de educação não se limitavam, apenas, a ministrar a catequese aos mamelucos e corumins indígenas; visava igualmente a educar as pequenas mamelucas e cunhãtains.

Idéia a princípio inédita e original para Nóbrega, parece ter ela partido dos próprios nativos da Bahia. Aos índios, tangidos por uma cultura simples e isenta de preconceitos, era inconcebível o condenar à ignorância o sexo feminino estabelecendo diferença de oportunidades educacionais a favor do sexo masculino. Entusiasmado, elaborou Nóbrega um projeto de educação para a mulher e, tendo conquistado o apoio de Tomé de Sousa e demais personalidades da administração colonial, acreditou poder apelar à côrte, com sucesso, e receber o patrocínio da Rainha D. Catarina. O Brasil pedia demais... O que a Metrópole não cogitava nem para si própria, em 1552 Nóbrega já pedia para o Brasil. Passados dois séculos e meio, em 1815, Portugal se permitia sancionar a criação de suas escolas femininas, e mais de três séculos se passariam antes que o Brasil as tivesse. (Mattos, 1958:88-93).

Assim é que nos inventários processados em São Paulo por volta dos séculos XVI e XVII sòmente foram encontradas duas mulheres que soubessem assinar o nome. (Mattos, 1958: 93-94). Já um outro documento afirma que "... só uma mulher soube assinar o seu nome, e essa, Leonor Siqueira, não era paulista, mas baiana da melhor nobreza..." (Mota, 1941: 112).

Se no São Paulo daquelas eras os preconceitos a cercarem a educação da mulher privavam-na das luzes da instrução mais rudimentar, na Bahia as mulheres nobres não sòmente sabiam assinar os seus nomes mas chegavam, às vêzes, a cultivar aprimoradamente o espírito, como também dissertavam em latim. Os documentos coloniais citam as filhas letradas da família Lins, sendo que uma delas "fala com tôda a elegância os idiomas Latino e Castelhano, tem grande lição da História, e he célebre na promptidão com que discorre qualquer matéria... (tendo) composto muitos elogios latinos dignos certamente da luz pública. (Mota, 1941: 112-113). Segundo depoimento de D. Domingos de Loureto Couto e citado por Magalhães, Expansão Geográfica do Brasil-Colônia: 115).

No que tange ao preparo de vocações, convém notar que "Não foi fácil obter da Coroa (Portuguêsa) autorização para se fundarem os primeiros conventos femininos" no Brasil. A primeira tentativa, no meado do século XVII, e partida dos católicos da Bahia, foi, vinte anos depois, acatada com restrições. "Estavam longe de exercer a função que delas se poderia esperar as casas religiosas femininas. No campo da educação, era pequena a contribuição delas". (Holanda, 1960:74).

Outrossim, é significativo lembrar que "a primeira metade do século XVIII conheceu o pleno florescimento... (das) Irmandades"

no Brasil. Essas associações de fins piedosos e caritativos realizavam, então, muito do trabalho social hoje da alçada do Govêrno ou da Igreja. Brilhantes procissões eram igualmente levadas a efeito. Importa saber que a "entrada numa dessas Irmandades era... privilégio dos homens, mas as mulheres tinham permissão para ao menos ver suas procissões, o que representava uma das poucas diversões permitidas nos dias coloniais" (Boxer, 1962: 130-131). Portanto, mesmo a Filantropia ou o trabalho de Voluntariado organizado era vedado à mulher no Brasil-Colônia.

Assim é que "vamos encontrar o Arcebispo da Bahia, no meado do século XVIII, queixando-se que as môças locais não podiam ser convencidas a assistir às lições dadas no Convento das Ursulinas, devido à oposição de seus pais" que as mantinham em reclusão a mais estreita. (Boxer, 1962: 132 e segundo Pastoral do Arcebispo da Bahia, do dia 20 de julho de 1751, citada nos **Anais do IV Congresso de História Nacional,** tomo XI, Rio, 1951, p. 85).

Por tudo isso é que o naturalista **Agassiz** anotou o descaso à educação da mulher brasileira já no século XIX, tendo sido inovação, na sociedade carioca, a presença da mulher às conferências públicas que então pronunciara. A Sra. **Agassiz,** por outro lado, se apiedava da existência estreita e confinada da mulher, para quem "o mundo dos livros lhes ... (estava) vedado". (Mattos, 1958: 94-96).

Um dos mais interessantes documentos do Império é datado de 1879 e traduz importante debate sôbre a educação da mulher. Considerado em sua forma primitiva, o tema deveria se achar "... contido na modesta petição de uma menina inteligente, que veio impetrar da Provincia uma subvenção para ir estudar Medicina". Levado que foi para o campo científico, e tomado de proporções tais, atingiu o da emancipação da mulher. É **Tobias Barreto** quem, defendendo o direito da educação da mulher, pugna por arredar daquela assembléia de Pernambuco, citando-o, "a imensa responsabilidade de um pecado imperdoável contra o santo espírito do progresso, ... de um crime de lesa-civilização, de lesa-ciência, qual seria ... o de ficar... decidido ... que a mulher não tem capacidade para misteres científicos, para os misteres que demandam uma alta cultura intelectual". Ao final da movimentada sessão, **Tobias Barreto** pede para que um passo seja dado para a emancipação social da mulher, pois no "... lado social da questão é que está compreendida a emancipação científica e literária da mulher" ... e friza: "... o que há mister é cultura, trabalho e esfôrço; o que há mister é que se lhe franqueie o templo da ciência". (Barreto, 1962: 59-87).

Mas se o grande sociólogo pugnava pela emancipação social da mulher e cuidava do ponto civil da questão, já não admitia a emancipação política nem acolhia a idéia de vê-la investida de cargos públicos.

O patrimônio cultural, todavia, é sensível às modificações econômicas e aos avanços tecnológicos. Lentamente, a mentalidade brasileira se modifica e a educação da mulher adquire maior sentido liberal. No início do século XX sofre nos seus alicerces a revolução da máquina e, com ela, a interpretação que o Feminismo e o Comportamentismo trouxeram ao mundo contemporâneo.

3.03

Por conclusão, a educação da mulher, assunto do passado, é igualmente problemática da atualidade. Assim será enquanto não se compreender que, e sem injunções quaisquer, cultivo do intelecto, trabalho profissional e esfôrço da vontade não pedem intervenientes sexuais. Enquanto não fôr proporcionado à mulher o livre e irrestrito acesso aos empregos, nos cargos públicos, nas associações, nas Universidades, nas Academias. Enquanto não se cogitar de uma distribuição equitativa dos sexos nas várias profissões. Enquanto não se cuidar de aumentar a percentagem de mulheres dentre os que fazem educação superior no Brasil nos seus escalões mais altos, e que é irrisória quando comparada com os 47% na Rússia e 22% nos Estados Unidos. Assim será, preocupação hodierna, enquanto o sexo feminino fôr ainda excluido, pelas regras da boa reputação, de todo trabalho efetivo, e reservado estritamente a uma vida de lazer e de consumo conspícuo. (Veblen, 1965:322). Enquanto o trabalho ainda não fôr interpretado como uma realidade da vida quotidiana. Um parêntesis: Que o trabalho seja considerado como valor e como lucro real em interêsse cultural e humano, pois não, mas que seja também aquela energia ou medida da vitalidade auto-realizadora necessária ao ser humano. E constituirá preocupação enquanto perdurar, em nossa sociedade, um duplo padrão de moralidade, com códigos morais diversos para os sexos. (Kimball, 1940: 145-146).

Mas aquela educação da mulher será Educação, educação como, e segundo o mestre **Valnir Chagas**, "aquêle processo de amadurecimento que se faz num **continuum**, não espasmòdicamente, abrangendo em maior ou menor escala a tríplice dimensão reflexiva, conativa e afetiva da personalidade", (Chagas, 1967:6), e simplesmente educação, quando se compreender que a mulher é um potencial de trabalho, de imaginação criadora, de energia produtiva, de ímpeto realizador tão humano como outro qualquer. Quando se reconhecer que "através da liberdade de ação, ela exerce grande influência sôbre as transformações culturais e econômicas". (Peterson, 1965: 198). Quando jamais se olvidar que à mulher cabe viver com o homem, e, para entendê-lo, ela precisa entendê-lo como um ser humano com participação e responsabilidade a ela iguais na vida das idéias sociais e do pensamento científico.

A missão cultural da mulher, a sua contribuição para a economia brasileira e para a comunicação humana dependem da excelência da qualidade e grandeza da quantidade de programa educacional que lhe for proporcionado. A economia moderna pede nível cultural cada vez mais alto, uma rentabilidade sempre mais elevada; a comunicação na universalidade da interação de hoje requer um contínuo florescimento de experiências, uma perene renascença de idéias e ação.

3.04

O que pensais fazer, senhores, da mulher?

— Escondê-la, esmagá-la, tal fizeram os nossos colonizadores e os remanescentes patriarcalistas ainda o tentam fazer?

— Exaltá-la, adorá-la, qual Cinderela ou Princezinha nos contos de fada, ou numa imitação ao "Mamaismo" norte-americano do após-guerra, de possível sérias conseqüências na revolução sexual americana?

— Ou deixá-la surgir, livremente, qual "Nascimento de Venus" de Boticelli em todo o esplendor de sua nudez, suplicante, de sua riqueza nascente, de sua pureza fascinante,

— Deixá-la assim, e preocupada, a meditar no que escuta de **Emily Bronté,** a poetisa da busca íntima e incessante:

> "E agora és um sôpro do espírito
> E tua presença é um dilúvio penetrante,
> .....
> .....
> És o vasto encanto em que se embala o universo,
> Sòmente tu escapas à sua fascinação.
> A vida rebenta sem descanso de tua fonte poderosa
> E sôbre ti agora a morte já não tem nenhum poder".
>
> (Bronté, 1944:54)

Deixá-la, qual "Renascença" de **Edna St. Vincent Millay,** deixá-la sentir vividamente o por que da vida e da morte, e do eterno fluir. E com o tempo, deixá-la dizer:

> "Eu vi, eu ouvi, e reconheci finalmente
> O Como e o Por que de tôdas as coisas, passado,
> presente e futuro além.
> O universo, fendido no âmago,
> revela-se, aberto, à minha sensibilidade perscrutante"
>
> (Millay, 1947:1305)

Ó mortal!
A fábula da vida é narrada bem depressa,
Mas basta uma vida — para não se morrer
Mas basta uma vida — para não se morrer jamais.

Fortaleza, 26 de março de 1968

B I B L I O G R A F I A

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS — Fotografia. Sessão Solene de Instalação no Salão de Honra do Clube Iracema, Palácio Ceará, sob a Presidência de Justiniano de Serpa, aos 8 de setembro de 1922. p. 184 a. **In: Revista da Academia Cearense de Letras**, ano LVIII, n.º 26. Fortaleza, Editôra Instituto do Ceará Ltda., 1954. Pp. 292.

ADERALDO, Mozart Soriano — Elogio em Ata da Sessão do Instituto do Ceará. Fortaleza, 4 de fevereiro de 1962. p. 296. **In: Revista do Instituto do Ceará**, vol. 80, tomo LXXVI, ano LXXVI. Jan.-dez. 1962. Fortaleza, Ceará, Editôra Instituto do Ceará, Imprensa Universitária do Ceará, 1963. Pp. 312.

AMORA, Manoel Albano — Alba Valdez. p. 228. **In:** Academia Cearense de Letras. Síntese Histórica 1894-1954. pp. 183-240. **In: Revista da Academia Cearense de Letras, ano LVIII, n.º 26. Fortaleza, Editôra Instituto do Ceará Ltda., 1954. Pp. 292.**

ARISTOTELES — Politics, Book II, chapter 1-4, 455 b. d — 458a; chapter 9, pp. 465 d — 466 c; Book IV, chapter 15, p. 500 d; Book V, chapter 2, p. 516 c; Book VI, chapter 4, p. 523 b; chapter 8, p. 526 d; Book VII, chapter 16, p. 539 d — 541 a. **In: The Works of Aristotle.** volume 2. (Great Books of the Western World, 9). Chicago, Encyclopaedia Britannica, Inc. 1952. Pp. 445-548.

BARREIRA, Dolor — **História da Literatura Cearense, I Tomo. (Coleção Instituto do Ceará, monografia n.º 18 da História do Ceará). Fortaleza, Editôra Instituto do Ceará, Limitada. 1948. Pp. 332.**

BARREIRA, Dolor — **História da Literatura Cearense. II Tomo. (Coleção Instituto do Ceará, monografia n.º 18, da História do Ceará.) Fortaleza, Editôra Instituto do Ceará, Limitada, 1951. Pp. 474 + 1xvi.**

BARREIRA, Dolor — **História da Literatura Cearense. IV Tomo. (Coleção Instituto do Ceará, monografia n.º 18, da História do Ceará). Fortaleza, Edições do Instituto do Ceará, 1962. Pp. 733.**

BARRETO, Tobias — A Educação da Mulher. pp. 59-87. In: BARRETO, Tobias — Estudos de Sociologia. (Biblioteca Popular Brasileira, XXXI). Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1962. Pp. 286.

BARROS, Luís de — Necrológio em Ata da Sessão de 20 de fevereiro de 1962. p. 297. **In: Revista do Instituto do Ceará**, vol. 80, tomo LXXVI. ano LXXVI. jan. -dez. 1962. Fortaleza, Ceará, Editôra Instituto do Ceará, Imprensa Universitária do Ceará, 1963. Pp. 312.

BEAUVOIS, Simone de — **O Segundo Sexo. I. Fatos e Mitos. (3.ª edição). São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967. Pp. 309.**

BERNARD, Jessie — **Academic Women.** Pennsylvania, The Pennsylvania State University Press, 1964. Pp. xxvi + 331.

BIERSTEDT, Robert — Social Differentiation. pp. 154-208. **In** BIERSTEDT, Robert, MEEHAN, Eugene J. and SAMUELSON, Paul A. — **Modern Social Science.** New York, McGraw-Hill Book Company, 1964. Pp. 725.

BOXER, C. R. — **A Idade de Ouro do Brasil. Dores de Crescimento de uma Sociedade Colonial.** São Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1963. Pp. 374.

BRAMELD, Theodore — Anthropoterapy. Toward Theory and Practice. pp. 288-293; 295-297. **In: Human Organization.** Vol. 24, n.º 4, Winter 1965. Ithaca, New York, The Society for Applied Anthropology, 1965.

BRAMELD, Theodore — **Education for the Emerging Age. Newer Ends and Stronger Means.** New York, Harper & Row, 1965. Pp. xii + 224.

BRONTE, Emily — **O Vento da Noite.** Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editôra, 1944. Pp. 149.

CAMPOS, Eduardo — **Diante da Cadeira** 22, pp. 9 e 10. **In: Unitário.** Suplemento Artes e Letras. Fortaleza, Ceará, 21 de outubro de 1962.

CARDOSO, Vicente Licínio — **A Margem da História do Brasil.** Livro Póstumo. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Coleção Brasiliana, série V, vol. XIII). São Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1933. Pp. 246.

CARVALHO, José Valdivino de — Homenagem da Academia Cearense de Letras por ocasião da morte de Alba Valdez. **In: O Nordeste.** p. 5, 16 de março de 1962.

CHAGAS, Valnir (relator) — **Articulação da Escola Média com a Superior.** Indicação n.º 48 do Conselho Federal de Educação, aprovada em 15 de dezembro de 1967. Separata n.º 29, da Documenta 79. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Conselho Federal de Educação, 1967. Pp. 28.

DANTE — Paradise. Canto XV, pp. 129 b-d. **In:** DANTE — **The Divine Comedy of Dante Alighieri.** (Great Books of the Western World, 21). Chicago, Encyclopaedia Britannica, Inc., 1952. Pp. x + 163.

ERIKSON, Erik H. — **Infancia y Sociedad.** (Ediciones Hormé, vol. I). Buenos Aires, Editorial Paidos, 1959. Pp. 367.

EVAN, William M. — Organization Lag. pp. 51-53. **In: Human Organization.** vol. 25, n.º 1, summer 1966. Ithaca, New York, The Society for Applied Anthropology, 1966.

FURTADO, Andrade — Didata e Beletrista. Em Tôrno de uma Efeméride. pp. 239-241. **In: Revista do Instituto do Ceará,** tomo LXXX, ano LXXX, vol. 84, jan.-dez. 1966. Fortaleza, Editôra Instituto do Ceará, 1968. Pp. 344.

GALINO, Maria Angeles — **História de la Educación I. Edades Antigua y Media.** (Biblioteca Hispanica de Filosofia). Madrid, Editorial Gredos, 1960. Pp. 596.

GINZBERG, Eli and HERMA, L. with others — **Talent and Performance.** New York, Columbia University Press, 1964. Pp. ix + 265.

GIRÃO, Raimundo — **A Personalidade Vulcânica de Eduardo Campos.** p. 9 (1.ª pág. de Artes e Letras) e 11. **In: O Unitário.** Fortaleza, 21 de outubro de 1962.

GIRÃO, Raimundo — Evocação em Homenagem a Alba Valdez. Ata da Sessão de 5 de fevereiro de 1963. In: **Revista do Instituto do Ceará**, tomo LXXVII, vol. 81, jan.-dez. 1963. Fortaleza, Ceará, Editôra Instituto do Ceará, 1964. PP. 392.

GOODENOUGH, Ward H. — **Cooperation in Change. An Anthropological Approach to Community Development.** New York, Russel Sage Foundation, 1963. Pp. 543.

HEGEL, Georg W. F. — The Philosophy of Right, pp. x + 150. In: HEGEL, Georg W. F. — **The Philosophy of Right. The Philosophy of History.** (Great Books of the Western World, 46). Chicago, Encyclopaedia Britannica, Inc., 1953. Pp. x + 369.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (diretor) — **História Geral da Civilização Brasileira. A Época Colonial. Administração, Economia, Sociedade.** Tomo I, vol. 2. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960. Pp. 518.

HOZ, Victor García (diretor) — **Dicionário de Pedagogia Labor.** Tomo I.A.F. Barcelona, Editorial Labor S. A., 1964. Pp. xxxi + 443.

HUBERT, René — **História da Pedagogia.** (Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 3.ª Atualidades Pedagógicas, vol. 66). São Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1957. Pp. viii + 406.

INSTITUTO DO CEARÁ — Atas de Sessões do Instituto do Ceará, ano de 1930, pp. 254-264. In: **Revista do Instituto do Ceará.** Tomo XLV, ano XLV. Fortaleza, Typografia Gadelha, 1931. Pp. 327.

INSTITUTO DO CEARÁ — Atas de Reuniões, anos de 1930 a 1950. In: Revista do **Instituto do Ceará.** anos 1930-1950. Fortaleza, 1930-1950.

INSTITUTO DO CEARÁ — Atas de Reuniões, anos de 1936-1962. In: **Revista do Instituto do Ceará,** anos 1936-1962. Fortaleza, 1936-1962.

INSTITUTO DO CEARÁ — Atas das Sessões de 20 de julho de 1967, de 4 de agôsto de 1967 e de 4 de setembro de 1967, pp. 349-351. In: **Revista do Instituto do Ceará.** Tomo LXXXI, ano LXXXI, vol. 85. Fortaleza, Ceará, Editôra do Instituto do Ceará, 1968. Pp. 372.

IRVING, Washington — "The Sketch Book", The Wife. In: NUS, Elmer A. — Mirror, Mirror, tell me true! who I am and what I should do! pp. 168-172. In: **Educational Horizons.** vol. XLII, n.º 3. Spring 1964. Official Publication of Pi Lambda Theta. Washington, D. C., Educational Press Association of America, 1964.

KIMBALL, Young — Códigos Morais Diversos para os Sexos. pp. 145-146. In: BARRETO, Romano e WILLEMS, Emilio — **Leituras Sociológicas.** (Série Ciências Sociais, vol. 1). São Paulo, Edições da Revista Sociologia, 1940. Pp. xv + 214.

KLUCKHOHN, Clyde e MURRAY, Henry (organizadores) — **Personalidade na Natureza, na Sociedade, na Cultura.** vol. 1. (Biblioteca de Estudos Sociais e Pedagógicos, 1.ª Série. Ciências Sociais). Belo Horizonte, Editôra Itatiaia Limitada, 1965. Pp. 483.

LYND, Helen M. — **On Shame and the Search for Identity.** New York, Science Edition, Inc., 1961. Pp. 318.

LUZURIAGA, Lorenoz — **Antologia Pedagógica.** (Segunda edición). Biblioteca Pedagógica). Buenos Aires, Editorial Losada S. A., 1959. Pp. 223.

MARTINS, Carlyle — Os Nossos Mortos. Alba Valdez, pp. 153-154. In: **Revista da Acadêmia Cearense de Letras.** ano LXVI, n.º 31. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1962. Pp. 168.

MATTOS, Luiz Alves de — **Primórdios da Educação no Brasil. O Período Heróico.** 1549 a 1570. Rio de Janeiro, Gráfica Editôra Aurora Ltda., 1958. Pp. 306.

MEAD, Margareth — **Coming of Age in Samoa. A psychological Study of Primitive Youth for Western Civilization.** (Second printing, A Mentor Book). New York, The New American Library, 1950. Pp. ix + 192.

MEAD, Margareth — **Sex and Temperament in three Primitive Societies.** (A Mentor Book). New York, The New American Library, 1950.

MILLAY, Edna St. Vincent — Renascence, pp. 1304-1306. In: FORESTER, Norman (editor) — **American Poetry and Prose.** (Third Edition). Boston, Houghton Mifflin Company, 1947. Pp. 610.

MONROE, Paul — **História da Educação.** (6.ª edição, Atualidades Pedagógicas, vol. 34). São Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1958. Pp. xxviii + 416.

MOTA, Jairo — Informativo Local. Horizontes Literários. In: **O Nordeste.** Fortaleza, Ceará, 11 de fevereiro de 1962.

MOTTA, Otoniel — **Do Rancho ao Palácio. Evolução da Civilização Paulista.** (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Coleção Brasiliana, série 5.ª, vol. 204). São Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1941. Pp. 191.

NAGEL, Ernest — The Structure of Science. pp. 482-495. In: NAGEL, Ernest — **The Structure of Science.** New York, Harcourt, 1961.

NELSON, L., RANSEY, C. E. and VERNER, C. — **Community Structure and Change.** New York, The Macmillan Company, 1960. Pp. xiii + 464.

NIETZCHE, Frederico — **Assim Falava Zaratustra. Livro para tôda a Gente e para Ninguém.** (2.ª edição, Biblioteca de Autores Célebres, n.º 13). São Paulo. Edições e Publicações Brasil S. A. Editôra, s/d. Pp. 306.

OGBURN, William F. — The Hypothesis of Cultural Lag. pp. 1270-1273. In: PARSONS, Talcott and others (editors) — **Theories of Society. Foundations of Modern Sociological Theory,** vol. II. New York, The Free Press of Glencoe, 1961. Pp. xix + 684 — 1479 + xiv.

OGBURN, William — The Hypothesis of Social Change. pp. 88-92. In: HUNT, ELGIN F. and KARLIN, Jules (editors) — **Society Today and Tomorrow. Readings in Social Science.** New York, The Macmillan Company, 1961. Pp. ix + 507.

PLATO — Republic, Book V, pp. 356b-365d; Book VII, pp. 401b-c. Timaeus, pp. 442 d. Laws. Book VI, pp. 710 d — 711 d; Book VII, pp. 716 b — 717 a; 721 d — 722 c. In: HUTCHINS, Robert Maynard (editor in chief) — **The Dialogues of Plato. The Seventh Letter.** (Great Books of the Western World, 7). Chicago, Encyclopaedia Britannica Inc. 1952. Pp. vii + 614.

PETERSON, Esther — A Mulher na Fôrça-de-Trabalho. pp. 180-196. In: LUBIN, Isador e outros — **Recursos Humanos para o Desenvolvimento.** (Administração para o Desenvolvimento, 7). Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, Serviço de Publicações, 1965. Pp. xxii + 213.

PETERSON, Esther — Change and Challange to Women in Education. pp. 52-59. In: Educational Horizons. Official Publication of Pi Lambda Theta. vol. XLII, n.º 2. Winter 1963. U.S.A., Educational Press Association of America, 1963.

PONTES, Carlos — Movimento Literário. p. 11. In: O Povo. Fortaleza, Ceará, 6 de fevereiro de 1962.

REDFIELD, Robert — Peasant Society and Culture. (Phoenix Books). Chicago University of Chicago Press, 1960. Pp. 88.

REDFIELD, Robert — The Primitive World and its Transformation, (Great Seal Books). Ithaca, New York, Cornell University Press, 1962. Pp. xiii + 185.

REINA, Ruben E. — Minutes for Course 535. Community Culture. Philadelphia, University of Pennsylvania, Department of Anthropology, 1962.

REUTHER, Walter P. — The Challange to Education in a Changing World, pp. 35-67. In: REUTHER, Walter P. and GREEN, E. — Education and the Public Good. Cambridge, Haward University Press, 1964. Pp. 67.

RIESMAN, David — Coeducation and the Imitation of Life, pp. 153-156. In: RIESMAN, David — Constraint and Variety in American Education. (A Doubleday Anchor Book). New York, Doubleday & Company, Inc., 1958. Pp. xvi + 174.

RIESMAN, David — The Lonely Crowd, pp. 39-87. In: ROSENBERG, Bernard (editor) — Analyses of Contemporary Society. New York, Thomaz Y Crowell Company, 1966, pp. vi + 310.

ROSSI, Peter — Social Factor in Academic Achievement: A Brief Review, pp. 269--272. In: HALSEY, A. H., FLOUD, Jean and ANDERSON, C. A. (editors) — Education, Economy and Society. A Reader in the Sociology of Education. New York, The Free Press of Glencoe, 1961. Pp. ix + 625.

RUSSELL, William F. — Should you be a Teacher? pp. 399-405. In: N. Y. L. I. C. — Carren Opportunities. New York Life Insurance Company, 1958. Pp. 416.

SACK, Saul — The Higher Education of Women, 1862 — 1962. pp. 166-181. In: BRICKMAN, William and ILEHRER, Stanley (Editors) — A Century of Higher Education. (Classical Citadel to Collegiate Colossus), New York, Society for Advancement of Education. 1962. Pp. 285.

SAINT-SIMON — A Côrte de Luís XIV. Memórias de um Cortesão. (Memórias, Diários, Confissões). Livraria José Olympio Editôra, 1944. Pp. 235.

SERAINE, Florival — Sôbre a posição dos Valôres na Investigação Antropológica, pp. 27-44. In: Boletim de Antropologia, n.º 4. vol. 1. Dez. 1960. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1960. Pp. 142.

SOUSA, Eusébio de — Meio Século de Existência. Subsidio para a História do Instituto do Ceará. 1887-1937. Fortaleza, Ceará, Tipografia Minerva — Assis Bezerra, 1937. Pp. 391.

STUDART, Guilherme, Barão de Studart — Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense. vol. 2. Fortaleza, Typo-Lithografia a Vapor, 1913. Pp. 429.

SULLEROT, Evelyne — A Mulhêr no Futuro. (Coleção Prospectiva), Rio de Janeiro, Companhia Editôra Forense, 1967. Pp. 220.

VALDEZ, Alba — De Pé, p. 1. In: Jornal do Comércio. Fortaleza, 22 de maio de 1930.

VALDEZ, Alba — Discurso. O Qüinquagenário do Instituto, pp. 422-430. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo LI, ano LI. Fortaleza, Ceará, Ramos & Pouchain, 1937. Pp. 485 + xxiv.

VALDEZ, Alba — Dias de Luz. Recordações da Adolescência. Ceará, Fortaleza, Typ. Minerva de Assis Bezerra, 1907. Pp. 118.

VALDEZ, Alba — Em Sonho... Fantasias. Ceará, Typ. Moderna a Vapor. Ateliers Louis, 1901. Pp. 120.

VALDEZ, Alba: Bibliografia Sistemática.

VALDEZ, Alba — Em Sonho... Fantasias. Ceará, Typ. Moderna a Vapor — Ateliers Louis, 1901. Pp. 120.

VALDEZ, Alba — O Beija-Flor. In: Almanaque do Ceará, 1904.

VALDEZ, Alba — Eterna História. In: Revista do Ceará, ano 1, n.º 2, 1905.

VALDEZ, Alba — Dias de Luz. Recordações da Adolescência. Ceará. Fortaleza, Typ. Minerva, de Assis Bezerra, 1907. Pp. 118.

VALDEZ, Alba — Poeira. In: A Jangada. Março de 1911.

VALDEZ, Alba — Uma Definição de Gross. In: Panóplia, ano 1, n.º 4. jan.-fev. 1914.

VALDEZ, Alba — Discurso. In: Diário do Ceará. Fortaleza, edição de 17 de abril de 1917.

VALDEZ, Alba — Musa Maranhense. In: Correio do Ceará, 4 de julho de 1917.

VALDEZ, Alba — Uma Frase. In: Correio do Ceará. Fortaleza, Ceará, 26 de julho de 1917.

VALDEZ, Alba — Um Livro de Versos. In: Correio do Ceará. Fortaleza, Ceará, 23 de agôsto de 1919.

VALDEZ, Alba — Um Grande Poeta do Norte. In: Correio do Ceará.. Fortaleza, Ceará, 13 de janeiro de 1920.

VALDEZ, Alba — Escritor Benemérito. In: Correio do Ceará, Fortaleza, Ceará, 13 de março de 1920.

VALDEZ, Alba — A Sempre Nova Questão do Ensino. pp. 304-307. In: Ano Escolar. Rio de Janeiro, 1921.

VALDEZ, Alba — Discurso. In: Correio do Ceará. Fortaleza, Ceará, 25 de fevereiro de 1921.

VALDEZ, Alba — O Espírito Popular Cearense. pp. 434-436. In: Almanach do Estado do Ceará Para 1922. Fortaleza, Ceará, Typ. Gadelha — Meton Gadelha, 1922. Pp. 764.

VALDEZ, Alba — Carta a B. Ponte. In: Correio do Ceará. Fortaleza, Ceará, 9 de julho de 1922.

VALDEZ, Alba — Nacionalismo. In: Correio do Ceará. Fortaleza, Ceará, 11 de dezembro de 1922.

VALDEZ, Alba — **Os Jangadeiros. In: O Nordeste.** Fortaleza, Ceará, 29 de junho de 1923. Tb. In: ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS — **Antologia Cearense.** 1ª série. Alba Valdez, pp. 10-11. Fortaleza, Imprensa Oficial, 1957. Pp. 438.

VALDEZ, Alba — **Uma Praça. In: Almanach do Estado do Ceará** para o ano de 1928. pp. 215-217. Fortaleza. Ceará, Typographia Progresso, 1927. Pp. 309.

VALDEZ, Alba — **De Pé. In: Jornal do Comércio.** Fortaleza, Ceará, 22 de maio de 1930. Tb. In: **Nação Brasileira.** Rio de Janeiro, agôsto de 1930.

VALDEZ, Alba — **A Jangada Abolicionista.** pp. 60-64. In: **Revista da Sociedade Cearense de Geografia e História.** vol. 1, ano 1, out. 1935.

VALDEZ, Alba — Discurso de Posse. pp. 197-204. In: **Revista do Instituto do Ceará.** Tomo 50, ano L, 1936. Fortaleza. Ceará, Ramos & Pouchain, 1936. Pp. 239 + xxvii.

VALDEZ, Alba — Discurso. O Qüinquagenário do Instituto, pp. 422-430. In: **Revista do Instituto do Ceará.** Tomo LI. Fortaleza, Ceará, Ramos & Pouchain, 1937. Pp. 485 + xxiv.

VALDEZ, Alba — Barão de Studart. A sua **Operosidade Intelectual.** pp. 117--118.In: **Revista do Instituto do Ceará.** Tomo Especial dedicado ao Barão de Studart. 1938. Fortaleza, Ceará, Ramos & Pouchain, 1938. Pp. 122.

VALDEZ, Alba — **Uma Conversa no Café Art-Noveau.** pp. 30-55. In: **Revista da Academia Cearense de Letras.** vol. 1, tomo II, 2.ª fase. 1938. Fortaleza, Ceará. Ramos & Pouchain, 1938. Pp. 115.

VALDEZ, Alba — **Um Tumulto.** Excerto. pp. 59-62. In: **Revista do Instituto do Ceará.** Tomo 53, ano 53. Fortaleza, Ceará, Ramos & Pouchain, 1939. Pp. 228 + xxii.

VALDEZ, Alba — **Três Poemas de Machado de Assis.** pp. 13-17. In: **Revista da Academia Cearense de Letras.** Tomo XXII, vol. II, tomo I da 2.ª fase, dedicado a Machado de Assis. 1939. Fortaleza, Ceará, Ramos & Pouchain, 1939. Pp. 64.

VALDEZ, Alba — **Nosso Lar, Nossa Escola.** pp. 46-49. In: **Revista da Academia Cearense de Letras.** vol. II, tomo II, 2.ª fase. junho de 1940. Fortaleza. Ceará, Editôra Fortaleza, 1940. Pp. 112.

VALDEZ, Alba — **O Ceará na Poesia de Antônio Sales.** In: **Revista da Academia Cearense de Letras.** tomo XXIV dedicado a Antônio Sales. vol. III, tomo I da 2.ª fase, nov. 1941. Fortaleza, Ceará, Editôra Fortaleza. 1941. Pp. 80.

VALDEZ, Alba — João Nogueira. pp. 236-246. In: **Revista do Instituto do Ceará,** tomo 61. ano 61. Fortaleza, Ceará, Editôra Instituto do Ceará Ltda. 1947. Pp. 313.

VALDEZ, Alba — **Uma Grande Figura da História Educacional Cearense,** pp. 166--179. In: **Revista do Instituto do Ceará.** tomo 62, ano de 1948. Fortaleza, Editôra Instituto do Ceará, Limitada, 1949.

VALDEZ, Alba — **Fatos Categóricos.** pp. 21-23. In: **Boletim do Instituto do Ceará,** nova fase. n.º 13 e 14, ano 3, maio julho de 1952.

VALDEZ, Alba — **No Centenário do Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos.** pp. 315--320. In: **Revista do Instituto do Ceará.** tomo LXVII, ano LXVII. Fortaleza,

Ceará, s/editor. 1953. Pp. 340. Tb. In: VASCONCELOS, Abner de — No Instituto do Ceará. Discurso da escritora Alba Valdez, pp. 207-211. In: VASCONCELOS, Abner de — **Perfil de um Educador.** Rio de Janeiro, Gráfica Editôra Aurora, Ltda. 1955. Pp. 215.

VALDEZ, Alba — Justiniano de Serpa e Leiria de Andrade, pp. 133-153. In: **Revista da Academia Cearense de Letras,** ano 57, n.º 25, 1953.

VALDEZ, Alba — **Carlos Gondim, Poeta de Mísero Destino.** pp. 188-191, In: **Revista da Academia de Letras,** ano LX, n.º 27. Fortaleza, Ceará, Imprensa Oficial, 1956. Pp. 269.

VALDEZ, Alba — **Algo da Personalidade de Virgílio Brígido.** pp. 233-240. In: **Revista da Academia Cearense de Letras.** ano LXIII, n.º 28. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1959. Pp. 380.

VALDEZ, Alba — **Dentro de uma Efeméride,** pp. 197-201. In: **Revista da Academia Cearense de Letras.** Ano LXIV, n.º 29. Fortaleza. Ceará. Imprensa Universitária do Ceará, 1960. Pp. 278.

VASCONCELOS, Abner — **Missiva endereçada à Zélia Sá Viana Camurça.** Rio de Janeiro, 1968. Pp. 278.

VASCONCELOS, Abner — **Perfil de um Educador. Antônio Augusto de Vasconcelos.** Rio de Janeiro, Gráfica Editôra Aurora Ltda. 1955. Pp. 215.

VASCONCELOS. Júlia de — **A Ilha Sylt e os Insulares.** In: **Almanaque do Estado do Ceará.** 1925.

VASCONCELOS, Júlia Carneiro Leão de — **Memória Histórica.** Apresentada pela **do Ceará.** Tomo XLV, ano XLV. Fortaleza, Typographia Gadelha, 1931. Pp. 327.

VASCONCELOS, Júlia de — Discurso de Posse. pp. 185-193. In: **Revista do Instituto do Ceará.** Tomo XLV, ano XLV. Fortaleza, Typographia Gadelha, 1931. Pp. 327.

VASCONCELOS, Júlia Carneiro Leão de — **Memória Histórica.** Apresentada pela Professôra Catedrática de Geografia à Congregação da Escola Normal do Ceará no dia 28 de fevereiro de 1920. Rio de Janeiro, Typ. Lit. Pimenta de Melo & C., 1920. Pp. 29.

VASCONCELOS, Júlia C. Leão de — **O Território do Chaco.** pp. 133-142.In: Revista **do Instituto do Ceará.** Tomo XLVII. ano XLVII. Fortaleza, Meton Gadelha & Cia., 1933. Pp. 268.

VASCONCELOS, Júlia C. L. de — **Oceano e seu Papel na Harmonia do Globo. América Meridional, parte física — Esfera Celeste e Coordenadas.** Tese apresentada para o concurso da cadeira de Geografia e Cosmografia da Escola Normal. Fortaleza, Tip. Universal, 1900.

VASCONCELOS, Júlia C. L. — **Uma Lacuna Geográfica,** pp. 81-89. In: **Revista do Instituto do Ceará.** Tomo LIV. Fortaleza, Ceará. Editôra Fortaleza, 1940, Pp. 304.

VASCONCELOS, Júlia de — **Uma Valiosa Unidade Brasileira.** pp. 551-560. In: **Almanach do Estado do Ceará Para 1922.** Fortaleza, Ceará, Typ. Gadelha — Meton Gadelha. 1922. Pp. 764.

VEBLEN, Thorstein — **A Teoria da Classe Ociosa. Um Estudo Econômico das Instituições.** (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, Sociologia). São Paulo Livraria Pioneira Editôra, 1965. Pp. 358.

WOODY, Thomas — **Futures in Comparative Education.** pp. 38-46. In: BRICKMAN, William W. (editor) — **The Teaching of Comparative Education.** Proceedings of the Second Annual Conference on Comparative Education. New York, School of Education, New York University, 1955. Pp. 58.

WOODY, Thomas — **Education of Women.** pp. 704-706. In: BENTON. William (publisher) — **Encyclopaedia Britannica. A New Survey of Universal Knowledge,** volume 23. Chicago, Encyclopaedia Britannica, Inc., 1965. Pp. 1 000.

WOODY, Thomas — **Life and Education in Early Societies.** New York, The Macmillan Company, 1949. Pp. xvii + 825.